

UM MERGULHO EM *ALCOOLS*: CIDADES

Houve um período da crítica literária em que as-
sociar a vida do autor à sua obra era fundamen-
tal. Qualquer explicação sobre algum aspecto obscuro de um
texto literário era buscada na infância ou adolescência do escri-
tor, sem contar as experiências traumáticas da vida adulta. Mais
tarde, a crítica renegou esse procedimento, pretendendo, então,
que a obra deveria falar por si mesma. Seria a fase da negação
total do autor. Exageros à parte, o caso de Guillaume Apollinaire
(1880-1918), nascido em Roma, criado na França, com passa-
gens pela Bélgica e Alemanha e paixões “multinacionais”, deve
ser considerado. Sua vida é indissociável de sua obra. Os regis-
tros de suas viagens, impressões, espanto diante da modernidade
que se anunciava no início de nosso século marcam presença em
sua obra poética e também em sua obra teórica.

Sua ascendência polonesa o levou à Europa Central.
Férias passadas na Bélgica deixaram em seus poemas marcas
das paisagens que o poeta viu. Um ano passado na Alemanha
deu impulso à criação do ciclo das “Rhénanes”, conjunto de
poemas inseridos na coletânea *Alcools*. A efervescência cultural
e criativa da época, canalizada em Paris, atravessou toda a sua obra.

Apesar da nacionalidade italiana, Apollinaire assumiu seu lado parisiense, vindo até a se naturalizar francês e, desse modo, defendeu a França durante a Primeira Guerra Mundial. Esta decisão lhe custou a vida, já que, tendo sido atingido na cabeça por uma bala durante um confronto, sua saúde ficaria debilitada e a gripe espanhola lhe seria fatal, dois anos mais tarde.

Ora, toda a agitação e modernização do mundo do início do século passa, evidentemente, pela cidade. Espaços que reúnem passado e principalmente futuro, Paris e outras metrópoles servem de pano de fundo à criação poética de Apollinaire. Ele descobre a poesia dos

*[...] prospectus les catalogues les affiches qui
chantent tout haut*

*Voilà la poésie ce matin et pour la prose il y a les
journaux*

*Il y a les livraisons à 25 centimes pleines
d'aventures policières (APOLLINAIRE, 1994,
p. 40)*

“Zone”, primeiro poema de *Alcools*, contendo 156 versos, abre a coletânea com uma proclamação: “*A la fin tu es las de ce monde ancien*” (Idem, p. 40). Paris é o cenário central do poema. A torre Eiffel, símbolo de uma nova era, transforma-se em pastora das pontes que balem na manhã. Os automóveis, hangares de Porta-Aviação, datilógrafas, sirenes, “a graça de uma rua industrial”, o gás, aeroplanos, máquinas em geral

misturam-se freneticamente no delírio do poeta, que “viaja” pelos versos até Marselha, Coblença, Praga, Roma e Amsterdam, entre outras cidades. Essa pequena amostra de elementos citadinos em apenas um poema de *Alcools* anuncia a poesia da máquina e da cidade moderna. Esses elementos servirão à formulação de sua mais famosa conferência, “L’Esprit Nouveau et les poètes”, frutos da surpresa do autor diante de toda essa evolução. Aliás, a surpresa é um fator fundamental na obra de Apollinaire. Para ele,

le nouveau existe bien, sans être un progrès. Il est tout dans la surprise. L’esprit nouveau est également dans la surprise. C’est ce qu’il y a en lui de plus vivant, de plus neuf. La surprise est le grand ressort nouveau. C’est par la surprise, par la place importante qu’il fait à la surprise que l’esprit nouveau se distingue de tous les mouvements artistiques et littéraires qui l’ont précédé. (APOLLINAIRE, 1991, p. 949)

Dessa forma, na esteira de Charles Baudelaire e Arthur Rimbaud, Apollinaire demonstra simultaneamente desenvoltura e surpresa em relação à cidade e à modernidade aí contida. Baudelaire (1821-1867), um dos criadores da palavra *modernidade* de que é considerado o poeta, emprega a palavra em 1859,

desculpando-se por sua novidade, mas [diz que] necessita dela para expressar o parti-

cular do artista moderno: a capacidade de ver no deserto da metrópole não só a decadência do homem, mas também de apresentar uma beleza misteriosa, não descoberta até então. Este é o problema específico de Baudelaire, ou seja, a possibilidade da poesia na civilização comercializada e dominada pela técnica. Sua poesia mostra o caminho, sua prosa examina-a teoricamente a fundo. Este caminho conduz a uma distância, a maior possível da trivialidade do real até a zona do misterioso; o faz de tal forma, todavia, que os estímulos civilizados da realidade, incluídos nesta zona, possam se converter em poéticos e vibrantes. Este é o início da poesia moderna e de sua substância tão corrosiva quanto mágica. (FRIEDRICH, 1978, p. 35-36)

Percebe-se então que é o Baudelaire dos *Tableaux Parisiens* que vai ser seguido pelas vanguardas e conseqüentemente por Apollinaire, e não o poeta do *Spleen et Idéal*. Rimbaud (1854-1891) também demonstra um duplo comportamento em relação à modernidade. Aversão e fascínio misturam-se. Seus poemas “Ville” e “Villes” possuem “imagens incoerentes (...), o real e o irreal se cruzam, (...) jardins artificiais, chalés de cristal e palmeiras de cobre” os permeiam, “a parte superior da cidade construída tão no alto que já não se vê a parte inferior (...): tais cidades repeliram tudo o que é familiar.” (Ibidem, p. 66)

Ao invés dessa realidade destruída, Apollinaire trabalha a simultaneidade. É ainda em “Zone” que esse fenômeno aparece, enfocando várias cidades ao mesmo tempo:

*Maintenant tu marches dans Paris tout seul parmi
la foule*

[...]

*Entourée de flammes ferventes Notre-Dame m’a
regardé à Chartres*

*Le sang de votre Sacré-Coeur m’a inondé à
Montmartre*

[...]

*Maintenant tu es au bord de la Méditerranée
Sous les citronniers qui sont en fleur toute l’année*

[...]

*Tu es dans le jardin d’une auberge aux environs
de Prague*

[...]

*Te voici à Marseille au milieu des pastèques
Te voici à Coblençe à l’hôtel du Géant*

Te voici à Rome assis sous un néflier du Japon

*Te voici à Amsterdam avec une jeune fille que tu
trouves belle et qui est laide*

[...]

Tu es à Paris chez le juge d’instruction

[...]

*Tu as fait de douloureux et de joyeux voyages
(APOLLINAIRE, 1994, p. 41-42)*

Com essa seqüência, nota-se ao mesmo tempo fusão e fragmentação, simultaneidade e desconstrução, ou seja, decomposição do espaço-cidade. Essa é uma característica da lírica moderna. Na verdade, todos os espaços que aparecem nomeados em “Zone” nada mais são do que a tradução de um “cenário simultâneo de um único evento exterior e interior.” (FRIEDRICH, 1978, p. 203)

Contudo, apesar desta multipresença citadina, Paris é a cidade mais representada em *Alcools*. Ela aparece 21 vezes na coletânea, a saber: 12 vezes em “Vendémiaire” – poema de 174 versos, que fecha o livro; quatro vezes em “Zone” e em “La Chanson du Mal-Aimé”, e uma vez no “Poème lu au mariage d’ André Salmon”, contra três ocorrências dos segundos lugares, Roma e Coblença, cidade alemã.

Como podemos ver, as duas pontas do fio tecido em *Alcools*, “Zone” e “Vendémiaire”, convergem sobretudo para Paris. Porém,

les contextes comme les tonalités sont fort différents. L’invocation à Paris sous la forme du vocatif représente plus de la moitié des occurrences de “Vendémiaire” (7 sur 12). Paris apparaît avant tout comme un univers euphorique situé au centre du chœur bachique des villes unies dans la chanson du vin et des vendanges lyriques. Le Paris de “Zone” est un lieu plus concret, plus dysphorique aussi, où le poète marche parmi la foule

*industrielle d'une grande cité moderne et doit
répondre aux enquêtes de la justice.* (HUBERT
DE PHALÈSE, 1996, p. 58)

“Vendémiaire” traz também outra surpresa: é a primeiras obra de Apollinaire publicada sem pontuação, reproduzindo assim o novo ritmo que nascia das cidades. Desta vez, Apollinaire estabelece um diálogo com elas, em uma canção de Paris personificada:

*J'ai soif villes de France et d'Europe et du monde
Venez toutes couler dans ma gorge profonde*
(APOLLINAIRE, 1994, p. 149)

Das estrofes 7 a 24, as cidades lhe respondem sucessivamente:

*Et Rennes répondit avec Quimper et Vannes
Nous voici ô Paris [...]
Et les villes du Nord répondirent gaiement
O Paris nous voici boissons vivantes
Les viriles cités où dégoisent et chantent
Les métalliques saints de nos saintes usines
Nos cheminées à ciel ouvert engrossent les nuées*
(Ibidem, p. 149-50).

Entretanto, é Paris que se destaca entre tantas cidades, no verso que revela, em tom imperativo, uma íntima relação do poeta com a capital francesa: “Écoutez-moi je suis le gosier

de Paris”. Assim, no dizer de Morhange-Bégué e Lartigue (1991, p. 33-34), a cidade de Paris está estreitamente ligada à noite, momento que favoreceria a criação poética, ao ser evocada por meio de marcas pontuais, como os cais e o rio Sena, por exemplo. O mesmo ocorre em “La chanson du mal-aimé” ou em “Zone”, poemas nos quais é a noite urbana quem dá o tom.

A capital francesa, celeiro da arte moderna no início do século oferece também a Apollinaire

*... le raisin le plus doux de la terre
Ces grains miraculeux qui aux treilles chantèrent*

demonstrando mais uma vez a importância da cidade para o poeta.

Concluindo brevemente, pode-se perceber que as cidades, tendo Paris como carro-chefe, ocupam um espaço privilegiado nos poemas de Apollinaire, cidades que, em sua época, foram sinônimo de modernidade e de grandes mudanças. Como o poeta de *Alcools* estava à frente de seu tempo, mas também sintonizado com as modificações importantes do início do século, nota-se perfeitamente o uso que ele fez dos cenários citadinos, incorporando-os à sua poesia e, assim, multiplicando seu próprio espaço interior.

O modo como o poeta retrata as cidades, inebriado de seu álcool, é um convite a mais ao leitor para embarcar com

Apollinaire nessa viagem poética que parte de “Zone”, faz várias escalas, e tem “Vendémiaire” como ponto de chegada.

Silvana Vieira da Silva Amorim
FCL – UNESP – Araraquara

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOLLINAIRE, G. *OEuvres en Prose Complètes, II*. Éd. de P. Caizergues et M. Décaudin. Paris, Gallimard, 1991 (Coll. Bibliothèque de la Pléiade).

_____. *OEuvres Poétiques*. Éd. de M. Adéma et M. Décaudin. Paris, Gallimard, 1994 (Coll. Bibliothèque de la Pléiade).

FRIEDRICH, H. *Estrutura da Lírica Moderna; da metade do século XIX a meados do século XX*. Trad. de M. M. Curioni. São Paulo, Duas Cidades, 1978 (Col. Problemas atuais e suas fontes, 3).

HUBERT DE PHALÈSE. *Quintessence d’Alcools; le recueil d’Apollinaire à travers les nouvelles technologies*. Paris, Nizet, 1996 (Coll. Cap’Agreg, 8).

MORHANGE-BÉGUÉ, C. & LARTIGUE, P. *Alcools (1913), Apollinaire*. Paris, Hatier, 1991 (Coll. Profil d’une oeuvre, 25).